

# AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSARIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23 - 9.º ANDAR - SALA 922

ANO 10 — N.º 113

Rio de Janeiro, Dezembro de 1956

PREÇO: Cr\$ 2,00

CAIXA POSTAL 4.588

## Não Armem os Tiranos

por Varlin

Trabalhadores! Assalariados! Vós que representais a parte ativa dum país, a indústria, o comércio, a agricultura, que sois a máquina produtiva das nações não podeis apoiar nem aliar-vos aos parasitas, aos que nada fazem de útil e humano. Que distância separa o rude e humilde trabalhador, o homem das favelas, o esfomeado que jamais ganha para o sustento dos seus, e o general que, com suas estrélas, seus altos vencimentos e suas vivendas apalçadas, têm a função, notem bem, de perpetuar o domínio dos exploradores sobre os explorados. Quanta diferença existe entre o trabalhador semi-analfabeto, acobardado, humilde e tímido, que sofre pela desventura, pela exploração e o general, com ar arrogante, autoritário, orgulhoso e dominador.

Trabalhador! Assalariado! O homem que trabalha, que produz, não pode viver de mãos dadas com os que nada fazem. Não pode, nem deve unir-se o homem que adquire o pão de cada dia com o suor do seu rosto, ao militar cuja profissão é a de matar. E se não pode unir-se a ele, tampouco armar-lhe a mão com espada, de ouro ou de aço. Quem

tica do crime, é seu cúmplice. Que utilidade tem o soldado ou o oficial, comparado com o operário? Presta atenção a este contraste: O militar profissional é especialista em matança coletiva. Seu papel histórico é o de aperfeiçoar-se no manejo de monstros de aço destinados a destruir cidades e todo o produto do vosso trabalho, assim como ceifar vidas de seres humanos, velhos e novos. Não é para isso que estudam, durante anos, nos colégios militares? O militarismo é o sustentáculo da desigualdade reinante no mundo. São os militares que, cobertos com o pano que teces, trabalhador, vivendo do pão que fabricas, na casa que constrois, te espingardeiam logo que reivindiques um pouco do que produziste e não possuem. Sua profisão repito é a de matar; repara que são milhares desses profissionais, desses parasitas que sustentam e protegem o polvo chamado Estado, com sua engrenagem complicadíssima de ministros e ministros. É o Militarismo que protege o clero, terrível e maléfico cancro social, e tudo isso em detrimento de ti e dos teus. E tu, trabalhador, que sustentas com teu trabalho cotidiano a existência de parasitas, que te não per-

mitem senão comer os restos, as sobras do que produzes, acaso podes aceitar conchavos ou apoiar os que exploram e te espingardeiam? Não são a Polícia e o exército que te obrigam sob violência, se preciso for, a obedecer aos que vivem do teu esforço, do produto de teu trabalho? Se assim o entendes, não podes senão repudiar homenagens a essa casta completamente distinta da tua.

Bem o definiu Swift: "O soldado é um assalariado para matar, a sangue-frio, o mais que possa de antes da sua própria espécie que nunca o ofenderam". Para Tertuliano, o militar "é lógro, crueldade, injustiça e apañágio da guerra" e, para Lao Tzé, "onde floresce o exército, também florescem a miséria e as ruínas". Mais incisivo foi Séneca ao afirmar: "Não se pode simultaneamente proceder como bom general e homem honrado".

Trabalhadores, deveis refletir nessa realidade para não fazerdes o jôgo sujo dos bolchevistas e dos pelegos armando um militar. Não prestéis homenagens aos que sustentam os vosso exploradores, aos que manêm a desigualdade dos nossos dias. Medida sobre os resultados dum inquéri-

to realizado no Distrito Federal, quanto ao regime alimentar. Por ele se verificou a deficiência de cálcio, ferro e das vitaminas A, B, e C. E onde mais se acentuam aquelas terríveis deficiências é precisamente na alimentação dos que trabalham, dos que produzem. E porque isso? Simplesmente porque, sendo o trabalhador o único produtor, deixa que lhe arrebatem o produto do seu trabalho. Permite que a casta de parasitas se apoderem da melhor alimentação, do melhor vestuário, deixando-lhe apenas restos, sobras que pouco ou nada valem. É a lei do Clero: "trabalhar mais e passar mais fome para ser mais humilde!"

Trabalhador, isso só acabará quando tu, valente, que desafia a morte de peito descoberto no fundo das minas, através dos mares afrontando a fúria das tempestades ou desbravando a terra, ou manejando a máquina,

Tôda correspondência deve ser enviada para a Avenida Almirante Barroso, n.º 6, sala 1101, endereçada para nosso diretor ou nosso administrador.

souberes dirigir o teu trabalho sem intermédios, sem a intromissão de quem quer que seja! Ainda não percebeste que após a colheita de todos os frutos do teu trabalho, estes são divididos, sem o teu consentimento, pelos que nada fizeram, deixando-te apenas algumas migalhas? E como impedir que tal aconteça?, perguntarás. É fácil instruir-te a capacitar-te como hábil e completo profissional. Juntar-te aos demais assalariados; em seguida, recusar-te, por meio de greve, a colaborar com patrões, chefes e líderes! Repele a intromissão do Estado com seus tentáculos e finalmente não te alistares como soldado, provocando, assim, a decadência do militarismo profissional. Vencidas essas etapas, o produto do teu esforço será teu e o parasita, militar ou civil, terá de trabalhar para comer. Essa é a única e justa condenação que lhe imporás, trabalhador!

## Isto é Inquisição

O padre José Carneiro de Lima relembra a Inquisição!

Chega-nos de Manaus a estrondosa notícia de um AUTO DA FÉ celebrado em plena praça pública, na cidade de BOCA DO ACRE, no Amazonas.

Da GAZETA DE MANAUS de 28-XI-1956 transcrevemos o seguinte artigo do jornalista Arlindo Porto, na sua secção ARAME FARPADO.

Transcrevemos sem comentários:

Quase ao findar do século 20 (mais 44 anos e o 21 estará vagando), quando pelo mundo estouram as bombas-A e as bombas-H, numa promessa de que o homem ou se destruirá de vez ou encontrará na miraculosa força atômica a solução de tôdas as suas tragédias como raça, pratica-se, em pleno Estado do Amazonas, sob o pálio da Constituição de 1946, um auto-de-fé contra a obra de um cidadão, como se estivéramos na Espanha inquisitorial, de Torquemada!

O autor da barbaridade foi o padre José Carneiro de Lima, que, na cidade de Boca do Acre, no dia 1 do corrente, fez prender o cidadão conhecido por "Filósofo das Selvas" e, em ato público, na frente da igreja local, fez uma fogueira de todos os seus livros, impressos e por imprimir, dentre eles "Páginas Cínicas", "Vozes do Inferno" e outros.

Não é possível deixar sem um protesto essa brutal opressão contra o pensamento de um homem que, estando certo ou errado nos seus pensamentos, é possuidor do

meu sagrado, os direitos; o de escrever as suas opiniões.

RECORDANDO UM FATO

Há tempos, os padres de São Raimundo, manejando, como de hábito, mulheres e crianças, lançaram turbas e mais turbas de pobres ignorantes fanatizados pela sua catequese infernal contra missionários protestantes que, no uso de um elemental direito constitucional (a liberdade de cultos), buscavam difundir o Evangelho de Cristo, naquele bairro (de Manaus). Um deles, um dos tais padres, holandês, por sinal, teve o desplante de afirmar para um policial que lhe lembrava o texto constitucional da liberdade de cultos, que NÃO CONHECIA A CARTA MAGNA DO PAÍS!

A coisa ficou por aí, depois de muitas pedras atiradas contra os protestantes, muita vaia, muita demonstração lamentável de incompreensão pela inconfundível verdade de que todos os caminhos, através da caridade e de amor ao próximo, conduzem a Deus.

Veç por outra se está sabendo de uma violência como essa, partida de elementos católicos, de sacerdotes especialmente, desses elementos que melhor deveriam orientar os seus rebanhos e não lhes estimular, nos cérebros ignorantes e cheios de fé, a animosidade irracional contra os demais grupos de cristãos, como se o Rabi houvesse dito a alguém que o seu culto se faria em igrejas e templos diversos, estabelecendo um regulamento interno para cada um!

Agora vem essa, contra o pobre "Filósofo da Selva", contra esse homem que se faz mal a alguém, é contra si mesmo, andando sozinho pelos matos, expondo-se aos piúns, às carapanãs, às cobras, à fome e à mais completa miséria.

Não concordava o padre José Carneiro de Lima com as idéias do "Filósofo"? Então não lêse os seus livros. Primasse pela omissão, porque assim manda o bom senso e a própria Lei que resnetamos e cultuamos e que, por isso mesmo, o padre é obrigado a respeitar e a cultivar. Ele que não é melhor que ninguém. Nunca, porém, mandando que prendessem o homem e ainda por cima lhe queimasse os livros. Isso é jesuitismo! Isso é Idade Média! Isto é Inquisição!

## BEM FEITO

JOSÉ OITICICA

Otávio Brandão, comunista veterano, escreve, na *Imprensa Popular*, dois artigos com o título *A política de quadros* (26 e 27 de out.) e mais um *A nova política de quadros* (11 de nov.).

Ao rebentar a revolução de 1917, era Brandão rapaz entusiasta, espírito revolucionário, com ânsias anárquicas. Quando, em fins de 1918, fui deportado para Alagoas, Brandão me conheceu. Clandestinamente, pois a polícia me vigiava, fui com ele orientar os pescadores que se agitavam sem saber lutar. Em noite escura, à luz de muitas velas, falei à centena de homens ali acorridos explicando-lhes o processo anárquico de luta, o da ação direta. Com Brandão corri os canais e lagoas do litoral alagoano, por ele tão bem descritos em seu livro *Canais e lagoas*. Para esse livro, a seu pedido, escrevi um prefácio que ele suprimiu na segunda edição.

Creio que muito concorri para tornar Brandão anarquista militante. Brandão veio para o Rio meses depois e abriu farmácia na rua Gal. Câmara, hoje desaparecida, menos a banda esquerda, ainda viva na Avenida Presidente Vargas. Conheci bem Otávio Brandão, culto, inteligentíssimo, profundamente sincero, honesto, decidido e boníssimo. Em fins de 1919, porém, principiou a produzir frutos a intromissão sorrateira, venenosa, nefasta do bolchevismo, operada, sem nenhuma ciência minha nem dos militantes anarquistas mais conscientes, pela cavilação manhosa de Astrogildo Pereira. Brandão, muito chegado a Astrogildo, resistiu seu tanto, mas deixou-se por fim contaminar... e transformou-se logo. De espírito independente, senhor de si, avesso ao mando como à submissão, anárquicamente desrespeitador de ídolos por um lado e, por outro, incapaz de receber ordens, passou, repentinamente, ao servilismo do partido, a dizer amém às imposições de cima e a ditar,

aos seus subordinados, tarefas e preceitos. E a luta se travou braba entre anarquistas e bolchevistas. Estes iam aplicando as instruções de Trotski, que eu li no boletim do partido, em francês. Nessas instruções, que sinto haver perdido, o infame Trotski criara a mais torpe moral partidária. Contra os adversários sua sanha se exasperava. Mandava atacá-los, duramente, nos sindicatos. Recomendava que procurassem miudamente suas faltas dentro ou fora do sindicato. Se nada encontrassem, caluniassem, injuriassem, provocassem dissensões, intrigassem-nos com os trabalhadores, levantassem suspeitas contra eles. Tudo servia para desmoralizá-los. Se nada conseguissem, intimidassem, ameaçassem, agredissem. O fim previsto e único era apossarem-se da diretoria para implantarem, no sindicato, a ditadura do partido.

Octávio Brandão entrou nessa luta sórdida, sujíssima, contra mim. Não vale a pena relembra-los episódios da refrega. Basta dizer que bolchevistas agressivos entravam armados de revólver nos sindicatos e gritavam ameaças, inventando, contra anarquistas impudicos, como Marques da Costa, as mais reles calúnias. Escapei uma noite de morte certa. Morreram, porém, dois companheiros, e, se mais não fizeram, é que temiam as represálias.



OUTRO REABILITADO

Passaram-se anos. Otávio Brandão foi para a Rússia. Sempre supus que lá nadara num mar de rosas. Qual nada! "Passei muita penúria" diz ele. Isso de 31 a 35. Em 1936 fizeram-lhe justiça, seu trabalho foi aproveitado e então veio a fartura. "Em contraste, porém, tive de suportar quatro anos de terríveis expurgos, no ambiente de terror, cuja simples denúncia, hoje, transtorna os camaradas mais frios".

E aqui ponho o meu primeiro bem feito! Quem te mandou deixar um ambiente, o anárquico, de absoluta igualdade e independência, em que homens e mulheres a ninguém obedecem senão à sua consciência, onde não há chefe nem chefetes autoritários, nem expurgos, nem perseguições, e te ir alistar num partido hierarquizado, onde a salafarice impera e os de cima estão prontinhos a assentar o tacão das botas nos mais puros e talentosos que querem subir? E não foi por ignorância. Conhecias as doutrinas anarquistas e o conceito em que temos partidos políticos de qualquer natureza. Sabias que nestes, de qualquer nome ou rótulo, sempre domina a mediocridade e a safardanice. Tu te queixas de que, durante tantos anos de exílio, o P. C., o teu querido P. C., "nunca levantou sequer uma palha para que eu voltasse ao Brasil". E nós que supunhamos o con-

(Conclui na pág. 2)

## Censura é Ditadura

A comum superstição de todos os regimes totalitários é a de que o povo mais tranqüilo estará ignorando as notícias desagradáveis e que o regime será mais admirado, no mundo inteiro, ocultando seus pecados e estupidezes.

Os métodos para impedir a circulação de notícias e a exposição de opiniões variam de país a país; mas, a razão é sempre a mesma e o mesmo o propósito. Atualmente, na Rússia, como na Espanha,

na Jugoslávia como na China, se aplica a censura por artimanhas babilônicas, com o fim de manter aferrolhada a mente humana.

Se não houvesse censura, impossível seria a ditadura. Quando a Rússia, Espanha ou qualquer outro país impede que digam a verdade os jornalistas e os castiga por havê-lo dito, condena-se o governo que tal coisa faz ante os olhos de todo homem culto, pois confessa que teme a verdade.

# Para Maior Glória de Satanás

Por PEDRO BOTELHO JUNIOR

**Novamente a postos** — Após um período de férias necessárias para recuperar as energias gastas na luta pela vida, que, no regime capitalista, é árdua e insana, pois a exploração do homem é a norma predominante nas relações entre o capital e o trabalho, aqui estou de novo, para ocupar o meu posto na trincheira e colaborar com todas as energias que ainda me restam, para combater tenazmente o que está errado, especialmente o domínio que os adeptos de todas as religiões exercem sobre milhões de seres humanos, para escravizá-los tornando-os imprestáveis e parasitas. Antes, porém, pretendo pôr em dia a correspondência recebida de vários pontos do país, contando com colaborações para esta secção; outrossim, comentar os fatos ocorridos durante o meu período de inatividade aqui, muito embora lá, no... Inferno, tenha trabalhado com afinco, preparando o necessário para uma festiva recepção a todos aqueles que, para lá pretendo mandar quando julgar oportuno.

Para começar, aqui vai, a notícia de uma espetacular tragédia ocorrida no município de Sta. Bárbara, departamento de Antioquia (Colômbia) da qual resultaram 12 mortos e 17 feridos. A tragédia verificou-se quando um caminhão transportava um grupo de camponeses que se dirigiam à missa. Sem que se saibam as causas, o caminhão se precipitou num abismo de 50 metros. Como os católicos dizem que o Inferno está situado nas profundezas da Terra, está claro que o grupo de camponeses, em vez de assistir à missa, foi para o reino do meu pai espiritual. Antes não tivessem ouvido o conselho do padre cura da igreja que lhes mandava frequentar a igreja aos domingos...

Isso aconteceu aqui, no Brasil, no vizinho Estado do Rio e foi noticiado pelo "Correio da Manhã", desta capital, em 12-8-56: Um grupo de trabalhadores da Fábrica Nacional de Motores, ocupava-se na reconstrução do templo "Assembléia de Deus", situado na fábrica, quando uma viga do telhado cedeu, desabando. Apanhados em cheio, cinco ficaram gravemente feridos e um veio a falecer. Analisando o fato, concluimos que a culpa a eles cabe. Se o templo já estava destruído para que teimar em reconstruí-lo? O diabo anda vigilante para que os ignorantes e os sábidos tomem juízo e se livrem dos entorpecentes religiosos, sejam de que seita forem...

Um tal de Ocir tomava parte numa festa religiosa que se realizava na Matriz de S. Vicente de Paula, no Engenho da Rainha, subúrbio desta Capital. A certa altura dos acontecimentos festivos, Ocir dirigiu-se à sacristia e pôz termo à vida, disparando um tiro na cabeça. Os motivos que induziram o tresloucado homem a suicidar-se não foram conhecidos. Conclui-se daí que não se deve frequentar as igrejas, pois mesmo em ambiente festivo, é perigoso o contacto com os homens de saia. Causam perturbações dos sentidos e... outras coisas mas, aos seres de ambos os sexos.

O fato mais escandaloso, porque escandalosos são todos os acontecimentos e que tomam parte padres, freiras e as pessoas que nascem, crescem e vivem sob a educação religiosa, foi o do padre Geraldo Guimarães Drumond, cuja vida é toda cheia de aventuras amorosas com menores, homens e mulheres. Em dias do mês de outubro deste ano, foi preso, no Hotel Serrador, desta Capital, quando, em companhia de um menor, praticava atos libidinosos. Interrogado pela autoridade que o prendeu, alegou o padre Tarado que lhe estava ensinando o catecismo. Esqueceu-se de que estava de... cuecas e até agora não se conhecia essa modalidade de ensino religioso.

Uma notícia curiosa foi publicada pelo jornal "Última Hora", de 22-10-56. Diz o seguinte: "Centro Espirita Santa Elisabeth - Situado no Largo do Campinho, no morro do Boog Woog, onde trabalha Zezito Tenorio Muchileiro, natural de Pernambuco, com seus

guias, Carro Velho da Jurema e Vóvó Catarina do Canindé e Rainha Calor, leva ao conhecimento do público a verdade de seus protestos fazendo cura de grande êxito, como a do Sr. José de Souza Salgueiro, que se achava todo aleijado das pernas e está completamente curado em seu domicílio, na estrada do Itacolomi s/n. Galeão, Ilha do Governador". Como se verifica pela leitura da nota acima, o Centro Espirita anuncia a realização de milagres. Mas não dá o endereço do beneficiado, para que se possa apurar a veracidade da cura. Acostumados como estão a lidar com seres invisíveis é possível que "o aleijado das pernas que ficou completamente curado" seja invisível também. Nem o Centro da Santa, nem o doente, tem endereço; logo, tudo não passa de grosseira mistificação. Igual a dos milagres dos Santos da Igreja. A diferença entre esses fabricantes de milagres é nenhuma. Não há melhor nem pior; são todos ruins.

Um telegrama publicado em "O Globo", com data de 30-11-56, dizia que fora preso em Sofia, capital da Bulgária, o último bispo católico que se encontrava em liberdade praticando atos políticos que nada tinham com os ofícios religiosos. "L'Osservatore Romano", órgão oficial do Vaticano, confirmou a notícia, dizendo que o fato significava "um novo golpe contra a Igreja". E' de lamentar que, junto com os bispos, não desapareçam da circulação os tiranos que subjugam os camaradas e o povo búlgaro. (Vide "Apelo dos companheiros anarquistas búlgaros ao Mundo Inteiro", publicado em Ação Direta.

Como nota para esta secção, uma estatística interessante. A revista "Radiolandia", desta Capital, especializada em assuntos radiofônicos e na publicação de bibliotecas dos artistas, mantém uma secção intitulada "20 perguntas ao pé do ouvido". Entre as mesmas, figura a seguinte: "Quando se confessa, conta ao sacerdote todos os seus pecados?" Vejam como respondem os interrogados: "Eu não me confesso a sacerdotes. Quem ouve minhas confissões usa saia e não batina" - Celso Teixeira. "Não, porque eu não me confesso" - Ivetê Garcia. "Nunca me confesso" - Luiz Filipe. "Não me confesso" - Rubem Santos. "Já faz muito tempo que me confessei" - Ademilde Fonseca. "Sou avesso a escandalizar o público" - Fernando Cesar. "Não me confesso" - Aracy Costa. "Idem, idem" - Zézé Gonzaga e Jorge Goulart. "Não costumo confessar-me e quando o faço é diretamente a Deus" - Marion. "Eu não me confesso" - Dolores Duran. "Dificilmente me confesso" - Hamilton Frazão. "Não me confesso" - respondeu Ruy Rei. "Não me confesso mais" - Mário Augusto. "Quando me confesso, não procuro o sacerdote e busco lenitivo na minha consciência" - Luis Vieira.

Fazem muito bem os artistas de rádio. Segundo lemos no "Verdadeiro Catecismo", a confissão foi inventada pela Igreja, alguns séculos depois da morte de Jesus Cristo. Estabeleceram-na os padres para, por meio dela, devassarem a vida particular das famílias e melhor se governarem e dominarem o mundo, graças às informações obtidas por tão infame processo". E conclui: "Por isso devemos desviar da Igreja nossas mulheres e nossas filhas, se não queremos ver-nos descurados e assolhados nos jantares dos padres a nossa vida íntima".

Para terminar, uma nota alegre. A "Tribuna de Imprensa", do 12-10-56, publicou o seguinte, em sua secção turista:

"Quando um jóquei se quer livrar de um convite para montar um animal sem muita chance e que não lhe interessa montar, costuma apresentar desculpas, as mais descabidas deste mundo. Algumas delas, então, pelo seu descabimento e originalidade, se tornam dignas de registro todo especial.

O bridão A. G. Silva, havia acabado de trabalhar um animal todo manso, cuja chance de vitória

ria na carreira em que iria intervir, exatamente em face do péssimo estado de seus locomotores, não era nenhuma, quando dêle se aproximou seu treinador, oferecendo-lhe a montaria.

— Querendo, pode ir logo assinar o compromisso, pois a montaria é tua.

— "Mas "seu" F... eu não posso montar seu cavalo".

— "E por que razão?" — Perguntou surpreso o treinador. "Por acaso o seu trabalho não te agradou?"

— "E então, por que é?" — perguntou enfezado o preparador do cavalo.

— "Por questão puramente religiosa".

— "Não é bem isso, não senhor".

— "Questão religiosa? E o que é que tem que ver a religião com o meu cavalo?" — voltou a indagar, desta vez mais curioso que zangado, o responsável pelo preparo do animal.

— "Muita coisa". "Religiosamente falando, nós não nos entendemos." R

— "Como assim?"

— "Então o senhor não reparou que durante todo o tempo em que duro o exercício, o cavalo só queria ajoelhar para rezar?" — concluiu A. G. Silva. "E como eu sou dos tais que acho que primeiro está a obrigação, prefiro que você entregue a um outro mais beato".

Por ter ficado um pouco extensa esta série de notas, deixo para o próximo número os Irmãos Câmara, cujas atividades políticas e favelasca estão causando inquietação ao governo e aos favelados. Os barracões estão pegando fogo, antes de se terminarem os apartamentos da favela da Praia do Pinto... E os desabrigados estão sendo acomodados da pior maneira possível.

## BEM FEITO

(Conclusão da 1.ª pag.)

trário. Sabíamos ser o P. C. do Brasil tão nojento quanto os outros; mas, sempre pensávamos que eras nele acatado e respeitado. "De volta ao Brasil, confissões, fui relegado ao mesmo ostracismo político durante 3 1/2 anos, de novembro de 1946 a maio de 1950, sem nenhuma razão de princípios nem de tática que o justificasse". Bem feito! Bem feito! Brandão. Que bem andei não querendo ouvir as cantilenas de Astrogildo, Elias, Diniz e outros assabujados politiqueros. Que bem andei! Entre anarquistas não existe ostracismos, nem política de quadros, nem expulsão de um militante por quequilha de superiores ou clumeiras de diretorias canalhas. Se houvesse continuado anarquista, continuaria respeitado e nenhum jornal nosso te fecharia as portas como tas fechou A Classe Operária por ti fundada.

Ora, nós todos criamos, ao voltar Brandão da Rússia, ter sido essa volta promovida pelo próprio P. C. para contar com esse elemento de valor. Estávamos certos de que Brandão era aqui um dos pontífices máximos, uma das cabeças diretoras, dado seu contacto direto, na Rússia, com as diretrizes mais lídimas.

Puro engano meu e de todos. O P. C. brasileiro tratou Otávio Brandão de cachorro para baixo. Nem a biografia de Laura, poetiza tão digna, criatura tão idealista e séria, o desalmado P. C., os seus componentes viscosos, permitiram se publicasse! Mais uma vez: bem feito! Quem mandou Otávio Brandão se meter com suínos? Entre anarquistas, ninguém vai submeter seus escritos à chancela de um júri cretino. Senhor do seu nariz, publica o que lhe apraz e a ninguém vai prestar contas.

Mas, Otávio Brandão se fez, voluntariamente, escravo e como escravo o trataram. Nessa redução a escravo, por lei natural, foi-se diluindo a vontade pessoal, a capacidade de reação, o brio de homem e Brandão continuou bípede, mas bípede humilde, com assomos vagos de altivez; vagos, porque não manda às favas o Partido ruim e sonha com nova política de quadros, como se fosse possível dar hombridade a meia dúzia de aproveitadores políticos tão pulhas quanto os demais políticos.

Bem feito! Mas não é tudo!

# Princípios e Fins do Anarquismo

(Continuação)

XXV. Sendo a moeda o instrumento da concorrência, não pode subsistir numa sociedade anárquica.

XXVI. Todos os vícios humanos (fumo, alcoolismo, morfismo, jôgo, prostituição, cafetismo, etc.) originam-se na concorrência econômica, são por ela mantidos e assegurados pelo Estado.

XXVII. Todo indivíduo tem direito de expor seus pensamentos e crenças, associar-se para fins recreativos, científicos, artísticos ou religiosos, desde que não haja nisso agiotagem.

XXVIII. A educação deve obedecer à seguinte orientação psicológica: até os sete anos, em geral, a criança educa as percepções; dos sete aos quatorze, apreende as noções; dos quatorze aos vinte e um, desenvolve o raciocínio. Deve haver pois três graus: elementar, primário e secundário.

XXIX. A educação profissional (energia de habilidade) acompanhará gradativamente a educação mental. Só depois de terminados os estudos secundários, iguais para todos, passarão os estudantes aos cursos de especialização (superior).

XXX. A educação anárquica procura desenvolver, o mais possível, a capacidade de energia de todos.

XXXI. A sociedade anarquista tende a extinguir os prazeres prejudiciais facultando, a todos, os prazeres físicos, artísticos e espirituais, verdadeiramente proveitosos.

XXXII. A sociedade anarquista por meio de seus congressos e literatura científica cuidará em dar ordem às pesquisas científicas, hote feitas sem real orientação comum.

XXXIII. Reconhecendo prejudicialíssima à saúde e à moralidade as grandes aglomerações de indivíduos, a sociedade anarquista não criará cidades como as de hoje pura criação do parasitismo

explorador e da burocracia do Estado.

XXXIV. O fim mais alto do anarquismo é a elevação da plebe, dos verdadeiros produtores a sentimentos e gostos aristocráticos, substituindo assim a democracia atual, grosseira, calcada na ignorância e na pobreza por uma aristocracia geral, humana.

XXXV. Sendo o sufrágio universal um processo de usurpação política da democracia capitalista, declaramo-lo nefasto e refugamos qualquer plano revolucionário nele apoiado.

XXXVI. Toda mulher deve ter o curso completo de pedagogia, destina-se, ou não, a professora.

XXXVII. O amor deve ser livre, como é livre o pensamento e o trabalho de qualquer tirania ou preconceito. Amor livre não quer dizer licencioso, mas libertado das pressões econômicas e dos preconceitos raciais ou religiosos; não é promiscuidade de sexos, mas liberdade de se unirem por afeição recíproca, sem medo à gravidez, sem licenças do Estado ou da Igreja.

XXXVIII. Reconhecemos necessária e moral a eugenia para melhorar a espécie humana e evitar maior degenerescência.

XXXIX. Proclamamos como ideal humano a monogamia e aceitamos como princípio moral a fidelidade dos cônjuges.

XL. Condenamos em princípio o celibato sendo entretanto livre a qualquer indivíduo conservar-se celibatário ou fazer votos religiosos de qualquer natureza desde que não prejudique a outrem.

XLI. Só tem direito aos produtos sociais quem trabalha, salvo os naturalmente incapazes, isto é, os interditos, os menores de 21 anos, as mulheres nos três últimos meses da gestação e no parto, os velhos de mais de sessenta anos.

Publicaremos, mais tarde, as previsões práticas de uma sociedade organizada anarquicamente.

# Crise no Anarquismo

Com vistas ao apelo dos companheiros búlgaros, AÇÃO DIRETA há por bem traduzir aqui um editorial de Tierra y Libertad, do México, publicado com o título acima em 20-3-56.

Freqüentemente se ouve ou se lê que o anarquismo, como todos os fatores sociais do momento convulso e confuso que vivemos, está em período recessivo e até em franca derrota, por haver perdido, quase, a grande influência que teve, alguns decênios há, no movimento obreiro internacional e, de maneira preponderante, no de alguns países.

Tal asseveração não é de todo certa nem se pode fazer após um estudo analítico do estado atual de nosso movimento, dada a sua situação no momento histórico que a civilização contemporânea atravessa.

A situação atual do mundo é mais complexa, tendo em conta os fatores componentes de uma civilização, que a do começo deste século e final do outro. Conseqüentemente, a situação do anarquismo, ideal, que abarca todos os problemas formulados pela humanidade, é também muito mais complexa hoje do que nos tempos em que Bakúnin conspirava em toda a Europa e Kropótkin escrevia A conquista do pão.

Se analisarmos, devida e conscientemente, esta situação, talvez cheguemos a conclusões totalmente outras das que proclamam o anarquismo em crise ou total derrota. A conhecida expressão de Bóvio de que "anarquico é o pensamento e para a Anarquia marcha a história" vai tendo confirmação decidida e categórica ao analisarmos tudo quanto há de positivo e perdurável na civilização atual.

Se bem certo é que o movimento obreiro de todos os países bem poucas influências anárquicas está tendo e se está convertendo em trampolim passivo e indigno onde alcançam, líderes e governos, pre-

bendas uns e estabilidade outros, também é certo que o anarquismo não é um ideal de classe e sua vida não se prende, necessariamente, aos movimentos proletários. Se no proletariado fundou o anarquismo suas esperanças de revolução social, nem todo o proletariado é anarquismo, nem o anarquismo pode ver-se enlodado na apatia, submissão e envilecimento cujas origens e causas muito alheias ao anarquismo são. Dignas são estas de se estudarem conscientemente e profundamente já que a situação atual do movimento obreiro não pode servir de base para ajuizar-se do triunfo ou malogro de nenhuma ideologia, pois nenhuma ideologia existe impregnada no movimento obreiro internacional. E se as grandes centrais obreiras reformistas, amorfas e anódinas contam com milhões de filiados, é mais por inércia e falta de ideais nas grandes multidões, que por devoção e simpatia dessas mesmas multidões às táticas e idéias que pautam a vida de tais organizações mastodônticas.

Em troca, tudo quanto representa pensamento liberal no presente mundo pende, cada dia mais para as concepções anárquicas da vida.

No pensamento liberal, jamais se descreu, como agora, da eficácia do Estado em contraposição ao culto estatal que tanto incentivam os fascismos, negro, azul, pardo ou vermelho. E isso até ao ponto de que pensadores liberais não anarquistas mostram a necessidade de encontrar uma fórmula para substituir o Estado na administração da sociedade.

Demais, todas as descobertas da ciência se ajustam, cada vez mais, às condições anárquicas da vida. As leis mendelianas da genética, apuradas por Morgan e sua escola, confirmaram categoricamente o conceito anárquico da justiça,

(Conclui na 4.ª pag.)

# A Pirâmide Social

VALJEAN

(Reflexões à margem de uma palestra realizada pelo prof. José Oiticica no Centro de Cultura Social de São Paulo, em 2 de setembro de 1956).

Na caixa craniana do homem cujo cérebro, diz a medicina, funciona qual chapa fotográfica, onde em contínua vibração se imprimem todas as impressões desde a idade infantil à velhice, por inexplicável coincidência, caprichosamente se manifestam, surpreendendo-nos, certas lembranças que nos fazem recordar um passado por nós colocado no esquecimento ou apenas adormecido em um canto de nosso coração.

Foi feliz o prof. Oiticica quando, nessa reunião do Centro de Cultura Social, convincentemente fez comparações sobre as classes privilegiadas que mantêm no torqueto social, oprimindo-o ativamente, o operariado, e descreveu sobriamente os diversos sistemas e recursos que aplicam constantemente, mantendo dessa forma, numa forçada obediência, o "calça curta", que representa o eterno crisólito de todos os tempos.

A Pirâmide comparativa de que lançou mão o prof. Oiticica não podia ser mais bela. Suas figuras expressivas, descritas inteligentemente, indicam quais as causas da desigualdade social. E a palestra teve a virtude de reviver, nos que tiveram a ventura de estar presentes, o que se achava um pouco adormecido no terreno das idéias pelas quais lutamos.

Não resta a menor dúvida de que a culpa cabe, em primeiro lugar, à catequese da religião católica. É uma verdade tangível que esta sedutora mundana se oferece ao melhor ofertante e que, tendo tergiversado sua origem humilde, joga-se sempre nos braços dos que mandam, sejam brancos, verdes, ou até vermelhos... Mas o trabalhador precisa considerar que não é prensado, amalgamado e dominado apenas pelo entorpecimento de determinada seita religiosa, em cujo seio se alimentam os seus exploradores e inimigos.

Não é somente a religião católica por ser a mais potente, a mais penetrante, a mais hipócrita, a que possui uma organização estratégica superior às demais e se adapta comodamente às conveniências do momento, a fonte de seus males, embora contra esta se torne mais difícil a luta, porque, sendo, como é, herva daninha, o problema para extirpá-la da mentalidade humana a ela submetida é quase impossível.

Afetando melguice, candidez, dando à voz um tom mavioso e insinuante, os ministros da religião católica introduzem-se no seio das famílias e, com santinhos e outros mil subterfúgios, procuram catequizar as crianças e os corações das mães. Quase sem-

pre o conseguem. O ambiente é étimo, visto ser a mulher mais sentimental que o homem, o que representa para os ministros de clero presa preciosa, fortalecendo com ela seus domínios em nome do purgatório, do paraíso ou do inferno. Conscientemente, os padres, desprezando a humildade da origem ideológica e mística do sofrimento humano em que se baseava o cristianismo, desertam da sua moral ético-religiosa, consagram-se, de corpo e alma, à defesa dos potentados e se tornam cúmplices conscientes da exploração da classe operária.

É verdade que, existindo muitas outras seitas religiosas, também igualmente cúmplices, contribuem para que a pirâmide cresça, com seus férreos torniquetes, quais garrotes, continuem a triturar e sufocar as grandes aspirações do homem.

Todas as religiões, sejam católicas, protestantes, espíritas ou muçulmanas, apesar das suas aparentes finalidades na concepção da fraternidade, incentivam, no ânimo dos necessitados, a obediência passiva, visando, em primeiro lugar, o operário, a quem falta tempo sequer para respirar e não consegue compreender e analisar a sua verdadeira posição em face dos problemas sociais, deixando-se arrastar inconscientemente, na crença de uma nova existência do além, uma reincarnação em que entra, forçosamente, como prêmio, o castigo do bem e do mal, a idéia do paraíso ou do inferno!

No ambiente social assim mistificado, eis que surge o gato traidor. — o Estado — como elemento mais interessado na defesa do regime político dos que mandam, aproveitando-se da confusão mental dos deserdados, e amparado por quimerias ideológicas, contribui para estandardizar os sistemas de vida que impedem ao operário dedicar-se à verdadeira luta em prol da sua emancipação.

Dentro dessa engrenagem da sociedade atual onde o caráter individual sofre os efeitos de uma decomposição contagiosa que arrasta os operários e suas famílias para a ilusão e o vício, tudo dificulta a obra esclarecedora dos pioneiros da redenção, os trabalhadores da causa da liberdade, que, expondo constantemente as próprias vidas, indicam o verdadeiro caminho da fraternidade humana.

Quem são eles? Hoje, as revoluções que aspiram a uma nova ordem social e que devem ser dirigidas contra a casta dominante que tem de prestar contas como responsável de seus atos na luta entre o capital e o trabalho, têm de enfrentar enormes dificuldades. O motivo é que o choque não é direto e frontal. O Estado, prevenido e inteligente, inimigo n.º 1 da classe operária,

soube aproveitar-se da circunstância de terem aparecido os nossos primos, que nos seus primórdios, nos deixaram acreditar em alguma coisa séria mas só conseguiram destronar o sistema político vigente do Estado dominador, criando novas formas de Estado totalitário, verdadeiro parachoque protetor da tirania e do domínio.

Surge o novo Estado arvorando a bandeira defensora da classe operária e cria uma jurisprudência do trabalho, gerando novo Estado dentro do Estado que procura e consegue, em parte, anular a luta frontal entre o capital e o trabalho.

Intermediários entre a burguesia e o operariado, os representantes desta nova forma de domínio estão mais em contacto com o povo, tornando-se, por isso mesmo, mais perigosos em face da sua posição privilegiada com o amparo das leis mistificadoras do trabalho. Conhecendo psicologicamente as causas da luta, nos momentos decisivos conluem-se com a própria burguesia formada de ministros da igreja católica, espí-

ritas, reincarnadores, etc., e auxiliados por quantos "ismas" oportunos aparecem, conscientemente avolumam o exercito dos que, no alta da pirâmide social, contribuem para esmagar todas as aspirações justas e do direito do trabalhador.

Objetar-nos-ão, os prosélitos do novo estado de coisas, que é ousadia, levandade nossa emitir sentenças contra ideologias seguidas por milhões de adeptos e integradas mesmo por homens eruditos, de grossa bagagem literária, em suma eminências de alto valor. Não resta a menor dúvida e é esse justamente o mal. Na luta diária em que o proletariado mantém acesa a chama das suas reivindicações, o resultado vai sempre em benefício da classe dominante, porque, nos momentos decisivos, em que a sua presença se torna necessária ao lado dos trabalhadores para incentivá-los com a sua solidariedade, os intelectuais indecisos ficam por detrás das cortinas como simples espectadores e comentam, quais Madalenas arrependidas, que a luta é santa,

que os trabalhadores têm toda a razão, mas que não estão preparados e, portanto, a luta se torna inútil e estéril. E essa luta desigual segue, apesar de tudo, o seu curso, que é o curso da própria natureza, o mundo em marcha!

Os operários, habituados a receber golpes arrasadores, não esmorecem. E os abnegados anarquistas, integrados na defesa de seus semelhantes, que tudo deram no passado e continuam a dar no presente, sem nada pedir, não podem ser confundidos com os rezadores de ave-marias e menos ainda com políticos falhados, criadores ou defensores de novos Estados.

Nada de comum com os eternos mistificadores do proletariado. A Revolução Social, fruto das concepções ideológicas de uma ciência positiva, ao romper da aurora do porvir acompanha a marcha dos que, ao pôr do sol, somando as horas de trabalho, viram o suor vertido na dura labuta da produção e os incentivos de novo a reiniciar a luta contra os seus exploradores, até a vitória final.

## O Povo é Soberano

por Cristóbal Garcia

Em sua recente viagem de "negócios estrangeiros" a Londres e ao passar por Paris, Alberto Martín Artajo, ministro do governo do Cruzado Franco, fez declarações referentes aos exilados políticos em França. Disse ter estranhado que, apesar de haverem-se dado várias anistias, não hajam regressado à pátria tantos milhares de refugiados esparsos em França e fora dela, já que podem livremente entrar na Espanha, sem medo de represálias, quantos não tenham as mãos sujas de sangue.

Evidentemente, nenhum dos exilados têm as mãos sujas de sangue; o que temos é pouquíssima confiança em suas palavras e a quase certeza de irmos direitinho para o cárcere, mal atravessarmos a fronteira. E não conseguirão nossa ida enquanto exista o regime ditatorial presente.

Sabe o Cruzado Franco e sabe-o o último croque que os de fora de Espanha, exilados políticos no estrangeiro, representam permanente protesto, contra Franco e seu regime de ditadura fascista, imposto pela força.

Não regressaremos ao solo da Pátria enquanto se não estabelecer um regime de liberdade. Não comecemos nenhum delito, não temos as mãos sujas de sangue, porém sabemos que a Península Ibérica, de norte a sul, de leste a oeste, é um imenso presidio. Os que sabemos o que representam tantos anos de cativo sem haver cometido coisa alguma, não podemos senão maldizer Franco e seu regime, regime sem leis fundamentais jurídicas, sem liberdade civil exceto para os "mimados" do regime.

Sabemos também e expô-lo-emos em poucas linhas, qual atuação se levou a cabo durante sua manutenção no poder.

Desonrou o exército que dizia representar. Desonrou a Espanha e sua história, com seus credos sacrossantos. Logrou que morressem fora da terra que os viu nascer os valores mais positivos da civilização hispânica, exilados por todo o globo terrestre e marítimo. Conseguiu que aumentasse a prostituição, a vagabundagem e a casta rapinante. Alcançou que se fanatizasse a juventude fazendo-a crer em Deus e sua mãe e em que os páes caem do céu. Constringeu a ciência, as artes e a literatura a atrasarem-se um século. Hipotecou a Espanha por vinte anos para salvar-se de prejuízos econômicos, em troca de bases navais e aéreas. Com a cumplicidade papal, vulnerou todos os princípios básicos da religião católica, apostólica, romana, na qual se apoia mediante uma concordata firmada por Martín Artajo e monsenhor Domenico Tardini, representante de Pio XII. E converteu toda a Espanha num presidio imenso. E encarcerou e fugizou a milhares de companheiros da C. N. T. e de todas as tendências que não comungavam com as mesmas rodas do moimho franquista. E desfez, ante o mundo civilizado, a popularidade e fama de cavalheirismo e fidalguia que desfrutavam por excelência os espanhóis. E para não ser mais extenso, submeteu a Espanha, a Espanha de Ganivet, de Py y Margall, de Cosío, de Salvachea, de Mella, de Lourenço, de Campanella, de Saint-Simon, de Owen, dos Cabets e a de tantos outros idealistas e doutrinários, os mais ousados do socialismo autoritário e ácrata, à escravidão abjeta.

O que atualmente existe na Espanha é um fanatismo religioso que, para adorar um Deus perseguidor, encarcerou e assassina os

melhores filhos do povo, como fizeram e fazem sem causa justificada, abençoando os negociantes que enriquecem de dia para dia, à custa da miséria do povo, desfrutando, em mesas de prazer, belas concubinas, de ventres bem cevados e mãos aneladas, e o Caudillo que ergueu seu trono, com o preço de sua traição, sobre um montão de cadáveres.

Isso e muito mais não o disse o sr. Martín Artajo em Paris. Essa é a verdade, e não outra.

A estatística recente, formulada pela Direção Geral das Prisões, assinala um montante de população penal, vigente, de 19.359 condenados, em diferentes cárceres e presídios. Desses, 2.109 são mulheres, sem contar os submetidos a liberdade vigilada, que ascendem a número superior.

Por outro lado, o Patronato de la Merced, ocupado em reduzir as penas de trabalho forçado, examinou 2.944 expedientes. Desses, 35 se abrandaram, só 75 obtiveram liberdade, sem contar os que, nessas condições, lograram passar a fronteira franco-espanhola clandestinamente. Foram agravadas as penas de 105 reclusos.

Esses presos de Espanha são permanentemente acusação ao Cruzado Franco.

Ele não fez, como diz, "uma Espanha grande e livre". O que fez e faz é derramar sangue espanhol, alastrando o luto, a miséria e o desespero por toda a parte.

O povo espanhol, o verdadeiro, está cansado de tantas cruzes, sabres e água benta. O que lhe falta é liberdade e trabalho. O necessário e urgente é que desapareça Franco e seu regime teocrático e fascista.

O povo espanhol é soberano e saberá escolher o que melhor lhe cahe para seu governo e quando as circunstâncias atenuantes o permitirem.

### COMPANHEIROS!

Juntos com a chapa 2, lutemos pelo saneamento de hábitos e costumes irritantes padronizados dentro do expediente sindical. Com a chapa 2, estabeleçamos uma atmosfera de franca e harmoniosa camaradagem, entre Diretores e associados, para que as reclamações destes sejam melhor atendidas por aqueles.

## Conversa de Macacos

De autor desconhecido

Dizia um macaco entre alguns companheiros, Sentados à sombra de esbeltos coqueiros: "Espalham aí extranhissimo boato: (Mas eu não dou fé a semelhante fato) Que o homem provém de nós, da nossa raça Que, nojeira! Que vergonha! Que desgraça!

Nenhum bicho que use o nosso belo nome Deixa que a mulher e os filhos passem fome Nem me consta que nenhuma mãe macaca Sustente os filhos com leite de uma vaca Ou que, doída por farrear com a macacada, Os entregue dia e noite a uma criada. Nenhum mono desce à suja bandalheira De isolar com cêrca um pé de bananeira E depois de encher-se, o bruto, como um ôdre. Deixar que depois o resto fique podre. Impedindo os outros monos de o provar E assim, obrigando-os a alhures roubar.

Macaco algum força um pobre companheiro A trabalhar para ele o dia inteiro Não permitindo que o pobresinho tome O suficiente para matar-lhe a fome. Tem o homem caráter demasiado fraco Não posso crer, pois, que venha do macaco.

## Dois Excelentes Manifestos

Tarde recebemos os manifestos lançados aos sindicalizados do Sindicato de Trabalhadores de Indústrias Gráficas (STIG) e do Sindicato de Trabalhadores da Indústria de Calçados, ambos de S. Paulo, pelos candidatos chapa n.º 2 à eleição para a diretoria, realizada em 10 de dezembro corrente.

Como esses manifestos, supomos, marcam um esforço novo, após tantos anos de escravidão, para libertar os Sindicatos estatizados, julgamos de profundo interesse publicá-los em "Acção Direta".

### MANIFESTO DOS TRABALHADORES EM CALÇADOS DE S. PAULO

Nós os responsáveis por este manifesto, queremos, antes de tudo, deixar bem patente a nossa profunda revolta ante a atitude, incorreta e indecorosa, de alguns partidários da chapa n.º 1.

Esses elementos, azevados aos cambalachos políticos e às falcatruas partidárias, infiltram-se nos locais de trabalho para desmoralizar e caluniar alguns componentes da Chapa n.º 2. Estamos certos de que os trabalhadores, conscientes e esclarecidos, repudiam essa manobra escusa e aviltante. E a peçonha que pretendem derramar sobre a moral e o caráter impóluto destes nossos companheiros, cairá sobre esses maus elementos, estigmatizados pela repulsa coletiva que não se fará esperar.

De nossa parte, repetimos, condenamos tais procedimentos e estamos dispostos a abominá-los publicamente e em plenas assembléias gerais.

### COMPANHEIROS!

O nosso sindicato, composto como é por uma classe vibrante e irrequieta, que está passando por uma fase de franco reamadurecimento social, necessita, neste momen-

to, em sua Diretoria, de homens enérgicos, com vontade inquebrantável e dispostos a ombrear com a responsabilidade do momento. Homens que não sejam movidos por intuítos pessoais, sem mórbidas pretensões a figuras de destaque e, que não sejam candidatos permanentes à preguiça consoladora do emprêgo fácil.

Nosso sindicato precisa, em sua direção, de homens cônscios de seus deveres associativos, que sejam portadores de nova e fecundante seiva para que germine em cada um de seus atos, em cada uma das suas atitudes e na plenitude de sua responsabilidade sindical.

Somos francamente a favor da renovação de valores. E somos, também, francamente contrários ao continuismo avassalador de Diretorias permanentes. Entendemos que, os cargos de Diretores não devem ser transformados em estufa onde se acalenta e desenvolve o espírito acomodaticio e burocrático, que gera, quase sempre, exorbitância de autoridade e arroubos de valentia. Entendemos, ainda, que a participação nos cargos da Diretoria deve ser considerada, apenas como uma oportunidade de bem servir os associados, cumprindo solícitamente as resoluções das assembléias e atendendo, com esmero e carinho, às reclamações dos filiados ao sindicato.

A nossa campanha regeneradora visa, principalmente, à renovação de valores éticos e morais, para que se compreenda, de uma vez por todas, que os Diretores devem estar a serviço do sindicato e não o sindicato a serviço dos Diretores como se acontece.

A época dos tiranetes dentro das agremiações operárias já passou. A consciência proletária do momento exige um trato de relações coletivas, mais humano, mais amigo, mais sindicalista, como fator preponderante na reorganização e fortalecimento da nossa classe.

Todos estes predicados, imprescindíveis àqueles que se colocam à testa dos sindicatos, encontramos-os nos homens que compõem a chapa n.º 2. O grupo de companheiros que forma a chapa 2, expressa exatamente essas qualidades. É um punhado de homens de vontade que se dispuseram a trabalhar pela coletividade, com idealismo operante e forte espírito realizador.



**A INFLUÊNCIA DA IGREJA DE ROMA NOS GOVERNOS PORTUGUESES**

A Igreja de Roma, desde a fundação da nacionalidade portuguesa, tentou influir diretamente nos destinos do país e muito especialmente na finança. A audácia de seus representantes foi tão descarada que Afonso Henrique, apesar de católico, fechou as portas do erário onde a clericanahada de Roma tantas vezes meteu a mão e fechou-as com estas palavras: "de Roma nunca me veio senão mal".

Afonso Henrique tinha razão quando pronunciou tais palavras. Ele próprio havia surpreendido o enviado do Papa (para intervir no caso do Bispo Negro, em Coimbra) com um carregamento de ouro e prata a caminho de Espanha. De coragem e belicismo tão grande quanto a covardia de Salazar, ao alcançar o Cardeal fugitivo no lugar da Vimieira exclamou: "Dom Cardeal, ou desfazeis quanto fizestes ou cá nos ficará a cabeça. O que quero que façais é que desexcomungueis quanto excomungastes e que não leveis daqui ouro, nem prata". Afonso Henrique pretendia impedir que a seita maldita carregasse o ouro do pequeno Portugal para sustentar a devassidão de Roma. Seu filho Sancho teve idênticas atitudes, prendendo e expulsando padres e apoderando-se de propriedades que a Igreja explorava. É necessário mostrar aqui a exploração exercida sobre o povo pela Igreja em nome de Deus, exploração que tanto irritou alguns monarcas portugueses. Estabelecido por ordem de Roma o chamado "dizimo" ou "décima", que representava uma décima parte da produção anual de cada casal revertido em cereais e por decreto do Papa assim distribuído: (citaremos o exemplo de uma das freguesias pertencentes à cidade do Porto) — 1.º A mitra do Porto, 42 e meio alqueires de trigo, 10 de milho, 10 de centeio e 57 réis em dinheiro; 2.º ao cabido do Porto, 24 alqueires de trigo; 3.º ao mosteiro mais próximo, 192 alqueires de trigo; 4.º aos padres de S. Vicente de Fora, 4 alqueires de trigo, 2 de centeio e 2 de milho grosso. Outros encargos eram impostos à pobre gente

**No Paraíso de Salazar**

Por Edgart Rodrigues

de cada lugar, como: "Entregar anualmente, de côngrua, ao pároco, 82.000 réis; para despesas meúdas da igreja, 12.000 réis de côngrua para o coadjutor. Mas não terminava aí a exploração sistemática e impiedosa da Igreja de Roma pois, segundo decisão de Erford, os bispos impuseram aos reis isto: "Deus autorizou a matar os povos que não pagam dizimos". Essa exploração passou a ser em menor escala após a vitória dos liberais em 30 de julho de 1832 e desapareceu em 1911 com a lei de separação da Igreja, do Estado.

**ROMA PERDIA O DOMÍNIO EM PORTUGAL**

Com a República, acabaram-se os "rendez-vous" nos conventos e a seita negra, expoliada dos seus regabofes, tentava contra a lei da separação. Assim, os bispos prepararam a chamada Pastoral Coletiva do Episcopado Português para ser lida nas Igrejas em Fevereiro de 1911. O governo da república proibiu-a. Entretanto os padres prosseguiram a sua leitura, o que deu motivo à prisão de vários deles. O artigo 62.º da lei de separação colocou os bens do clero nesta situação: "Todas as catedrais, igrejas e capelas, bens mobiliários e imobiliários que têm sido ou se destinavam a ser aplicados ao culto público da religião católica e à sustentação dos ministros dessa religião e doutros funcionários dela, incluindo os edifícios novos que substituíram respectivas benfeitórias e até os os antigos, salvo caso de propriedade bem determinada de uma pessoa particular ou de uma corporação com individualidade jurídica, são pertença e propriedade do Estado e dos corpos administrativos e devem ser como tais arrolados e inventariados, mas sem necessidade de avaliação nem imposição de selos, entregando-se os mobiliários de valor, cujo extrativo se recar, provisoriamente, à guarda das Juntas de Paróquia ou remetendo-se para os depósitos públicos ou para os museus". Assim se pôde acabar com os

conventos, expulsando esses ninhos de parasitas, reduzir ao mínimo a ação desmoralizadora e exploradora dos monstros de batina, que o Salazar, com o pseudônimo de Alves da Silva, tanto defendeu na imprensa e veio a restabelecer após o 28-5-26.

**SANTOS VENDIDOS EM LEILÃO**

Transcrevi alguns tópicos de uma reportagem de Hermano Neves, no jornal "A Capital" com o título "A derrocada dos ídolos — Um leilão de coisas sagradas"; "Foi ali, na histórica igreja das Francesinhas, onde há poucos anos ainda o sangue azul dava "rendez-vous" à hora da missa. Lá fui assistir à derrocada dos velhos preconceitos, ao desmorronar de tanta coisa formidável e intangível, conforme o espírito reacionário se comprazia em incutir no ânimo das criaturas simples. Santos e altares, alfaias e paramentos, todo o complicado arsenal litúrgico dos chamados sacrifícios católicos: lá fui encontrar tudo isso etiquetado e pôsto a trouxe-mouxe, pronto a ser disputado pela massa anônima dos que tudo vendem, contanto que nessas ransações haja um vislumbre de bom negócio a fazer." Mais adiante: "O leiloeiro do alto de uma pequena escada, vai pondo sucessivamente em praça os diferentes objetos. N.º 123 — Um Santo António! Três tostões! E cinquenta! Um cruzado! O leiloeiro prossegue, vendendo-se indistintamente santos e alfaias, mesas e caixas de esmoladas, castiçais e tocheiros, tudo pela rasa". Mas o leiloeiro, com vontade de ver-se livre daqueles ídolos em nome de quem a Igreja tanto havia explorado, gritava: "Um Senhor Morto com esquite e tudo. Mil réis e cinquenta! diz logo um cambolista próximo. Mil e cem! oferece outro. E cinquenta! torna invariavelmente outro. O duelo prossegue. Folheio uns livros que foram vendidos num grande lote. As obras de D. Martina Respal. Algumas dezenas de exemplares dos "Dramas da Misé-

ria" tradução de Carrasco Guerra. Catecismos de vários autores. Espera... livros comerciais. Toda a escrituração da Companhia Mineira Social Coronada, que os jesuítas, em tempos, negaram terminantemente lhes pertencesse".

Após a grande derrocada, a bem pensada destruição da exploração em nome de Deus, os republicanos cometeram um erro gravíssimo: foi o de não promover imediatamente uma vasta propaganda cultural no sentido de preparar a mente das novas gerações. Resultou dessa inatividade: o avanço da reação, do clericalismo, que permitiu o assalto ao poder em 1926.

Veio o Salazar e este padre sem batina restituiu ao clero igrejas e capelas. Então a padralhada redobrou a exploração do próximo em nome de Deus, para recuperar o dinheiro perdido por suas emprêsas e o ditador paga os estragos da República, com dinheiro arancado ao povo sob a forma de impostos, permite e auxilia a negociata dos milagres no lugar de Fátima, em Leiria. Hoje, o povo português está sujeito ao jugo da clericanahada que governa o país. A liberdade de casar só pelo Registo Civil, de dar aos filhos o nome que se quer ou de não batizar os filhos pela igreja acabou-se em Portugal. É verdade que a lei não foi totalmente anulada, mas todos os que, como o autor destas linhas, tentaram dispensar os serviços eclesiásticos, sabem quanto arriscaram. O padre é a autoridade máxima em cada lugar e sua função estende-se a todas as organizações corporativas (outras não existem). Um atestado de bom comportamento passado por padre serve para obter a absolvição no tribunal (com exceções de questões políticas) para se conseguir emprego, para se galgar o posto imediato, etc. A atividade do clero português é múltipla: é o espião local que (com raras exceções) fornece à P. I. D. E. dados biográficos e informes sobre as atividades de todos os oposicionistas; faz propaganda política na missa, no sermão e induz o povo ao desporto do futebol, sendo na maior parte dos lugares o angariador de meios para a criação de estádios. Com certeza tudo consegue com a ajuda de uma

absolvição e longa investigação no confessionalário. Portugal é governado por uma ordem religiosa da qual são chefes Salazar e Cerejeira. De norte a sul, o país cheira a sacristia, a uma enorme sacristia e agora, com esse estrondoso conto do vigário que são os milagres de Fátima, chegou ao auge da exploração monetária e física do rebanho que os segue, uns pela crença, outros por ignorância e finalmente, a grande maioria, por medo.

**Crise no Anarquismo**

(Conclusão da 2.ª pag.)

da ética, da educação e das relações humanas em geral.

O conceito universalista do anarquismo está-se impondo no desenvolvimento normal da evolução social em contraposição ao conceito nacionalista, característico da civilização capitalista. E a idéia anárquica de que a riqueza social é patrimônio de todos e não de uns quantos é já universal e, pode-se dizer, é o motor que move os acontecimentos importantes do movimento histórico atual.

Não se pode, pois, falar em crise nem falência do anarquismo sem primeiro haver bem considerado essas realidades e muitas mais que não podem ser analisadas no reduzido espaço de um breve editorial.

Bom seria que esse ponto fosse estudado com detida ponderação no próximo Congresso Internacional que o anarquismo está preparando e que fossem suas conclusões normas para futuras atuações, atuações que favoreceriam a realização não remota de nossas idéias.

**Nota de ACÇÃO DIRETA. O artigo acima publicado reputamo-lo excelentemente concebido. Uma coisa é anarquismo, outra coisa o andamento, com altos e baixos, das lutas de classes. Esse ponto é importantíssimo e dele parecem esquecidos os decepcionados do anarquismo. Isso vai ser detidamente ventilado, proximamente, por nosso companheiro Oiticica na sua resposta ao apelo dos companheiros búlgaros.**

**A MEMORIA DE FERRER**

Recordando o protesto feito pelos homens livres do Rio de Janeiro e do Brasil, contra o nefando fuzilamento Recapitulação por José Romero

A sessão foi presidida por Mariano Garcia (1) que, depois de se manifestar sobre o atentado verberando os seus executores, terminou lendo os termos de um protesto para ser enviado ao governo espanhol. Usaram da palavra os operários João Fontes, Afonso de Oliveira Guilherme, Manoel Joaquim Torres, Charles Aracaty, Melchior Pereira Cardoso e Manoel de Almeida, este da comissão de protesto, o qual terminou a sua oração propondo a boicotagem aos produtos espanhóis enquanto o governo persistisse na repressão. Depois falou João Pereira Casilhas que aderiu ao protesto em nome da Liga Operária do Espírito Santo, o acadêmico Aristóteles da Silva Santos, representando a União dos Estivadores do Espírito Santo e Manoel Pessoa. Terminou a sessão aos gritos de morra o governo espanhol e vivas à memória de Ferrer e à revolução social.

O Centro Republicano Conservador em reunião realizada no dia 15 em sua sede, na rua Uruguaiana 97, lavrou solene protesto contra o assassinato de Francisco Ferrer associando-se a todas as manifestações de solidariedade que condenavam o bárbaro crime do governo espanhol.

No dia 14, a V. L. 2 de dezembro, em sessão efetuada, aprovou unanimemente a proposta feita para que fosse consignado na ata um voto de profundo sentimento pelo assassinio legal do professor Ferrer e, mais ainda, por intermédio do grande Oriente se enviasse ao grande Oriente Espanhol um ofício exprimindo veemente reprovação ao nefando crime praticado pelo governo clericalista da Espanha.

No dia 13, o Centro Operário Internacional, Beneficente e Humanitário, reunido, à noite, em sessão permanente sob a presidência do deputado Monteiro Lopes, após caloroso e violentíssimo debate, aprovou por 50 votos contra 18 a seguinte moção:

"O Centro Operário Internacional Beneficente e Humanitário recebeu, com a maior repugnância, a notícia do fuzilamento de Francisco Ferrer nos fosos da fortaleza de Montjuich, por ordem do conselho de guerra militar organizado na cidade de Barcelona.

Perante Deus protesta contra esse ato atentatório da civilização dos povos e contrário aos sentimentos de humanidade".

**NO MEIO ESTUDANTIL** — Fiel às suas tradições em defesa da justiça e liberdade de pensamento, a juventude estudantil levantou solene protesto contra os carrascos do fundador da Escola Moderna e outra coisa não se podia esperar da mocidade que sempre generosa se colocou ao lado das causas justas. Dizia o jornal "O País" em sua edição de 16-10-909:

"Uma comoção violenta repercutiu no espírito académico brasileiro em face do assassinato do prof. Ferrer. As escolas e as associações académicas cogitaram logo nos meios mais eficazes de levar a efeito, da maneira mais enérgica, um protesto em que transparecesse a indignação que lavra em toda a classe. "No Centro de académicos em uma proposta firmada por grande número de sócios, pedia-se a realização de uma sessão extraordinária, para levar ao povo espanhol o sentimento de pesar e de revolta que entre os estudantes brasileiros lavra. As 3 horas em ponto, o presidente do Centro, explicando os motivos da reunião, deu a palavra a qualquer sócio que quisesse falar. "O Sr. Georgino Avelino, levantou-se, disse que deixava à palavra do seu colega Mauricio de Lacerda a tarefa de episodiária a vida política espanhola".

Antes, porém, "pediu aos seus colegas que ouvissem uma meia dúzia de palavras, com que justificava os motivos altamente humanos da sua proposta". O Sr. Georgino proferiu então o seguinte: "Como não se reunir a mocidade e como não desfechar na escandência do seu protesto mais um golpe da justiça sobre a prepotência; e não deixar transcorrer da alma mais uma efusão de amor aos homens? Como não irmanar a memória do que morreu assassinado em nome da lei, na santa evocação que fazemos do espírito de uma lei mais alta, mais poderosa, mais efetiva que a dos Estados, lei nascida da universidade da nossa natureza moral e desenvolvida ao calor comunicativo das idéias que se difundem e dilatam, que às vezes, parecem contrabater-se tendo no entanto todas o fundo de um mesmo princípio, forçando todas por atingir a meta de um fim comum? "Como não transformarmos, por fidelidade a essas idéias para as quais a nossa vida se devota na mais intensa e absorvente preocupação, a vítima de uma morte infame, num mártir e ascendendo aos motivos que levaram essa vida ao martírio porque não retirar deles o fruto são dos exemplos em cuja inflexibilidade parece cada um perscrutar as vozes imperiosas dos destinos humanos, ordenando de os imitar e de os seguir? Por isso, os mártires possuem a virtude de multiplicar os apóstolos e as causas redentoras vencem mais com os que morrem. Acordado, como tendes, o espírito para as pugnas brilhantes que a solidariedade dos sentimentos e das aspirações reclamam dos nossos esforços, sei meus colegas com que fervor de alma, com que limpidez de ânimo, acorreréis aos reclamos desses deveres humanos. Mas um dever não se cumpre com uma formalidade. Seria esquecer a sua origem e venalizar os seus efeitos. É mister transpassar para o ato com que se cumpre uma feição do motivo consciente que propeliu a cumprir-lo. O fuzilamento do prof. e socialista espanhol Francisco Ferrer compele-nos a nos desobrigar do dever de solidariedade com a espécie e traduzirmos, num fato concreto, o seu cumprimento inadiável. E estas minhas poucas frases têm apenas o objetivo de mendigar-vos a atenção para a proposta que faço à mesa, de um telegrama aos nossos colegas de Barcelona, concebido nos seguintes termos: Vossos colegas brasileiros por entre protestos de pesar e fraternidade, concitam-vos a cultivar o ódio aos assassinos.

O Sr. Mauricio de Lacerda propôs uma emenda pela qual o telegrama terminasse com um Viva à República. Essa emenda foi motivo de longo e animado debate, sendo aprovada por 17 votos contra 9 tendo grande número de sócios deixado de votar. O Sr. Mauricio de Lacerda proferiu então um discurso findo o qual foi levantada a sessão. No começo da sessão o académico Teixeira Mendes apresentou a proposta seguinte, que foi aprovada pela assembleia: 1.º que fosse hasteada a bandeira a meio pau por 8 dias; 2.º que fosse redigido um protesto; 3.º que fosse nomeada uma comissão que comparecesse, em nome do Centro, à reunião que ia realizar a Federação Operária. A comissão ficou composta dos seguintes académicos: Teixeira Mendes, Nelson Maciel Pinheiro, Hiram Kirk, Benjamin Reis e Jacques Raimundo.

De outra associação de estudantes a comissão de protestos recebeu o seguinte ofício: "O Centro de Estudantes com sede provisória na rua de S. Pedro, 170, vem, por meio deste, manifestar a sua vibrante indignação ante o assassinato legal do eminente prof. Francisco Ferrer, ato esse atentatório das liberdades dos povos. Aproveita a ocasião para comunicar que se fará representar na manifestação de protesto que estais encarregado de organizar. — Luiz de Souza Coelho, presidente - Antônio Correia Dias, vice-presidente — Cesar Massot, secretário — Oscar Pacheco, 2.º secretário.

Sobre um protesto feito pelos estudantes no recinto da Faculdade Livre de Direito, extraímos do jornal "O Século" do dia 15-10-1909, o seguinte: Ontem ao iniciar a sua aula de direito criminal, o Dr. Mário Viana recebeu um protesto dos académicos da 3.ª série, contra o ato do governo espanhol que mandou fuzilar o prof. Francisco Ferrer. Falou em nome de seus colegas, o académico José Júlio da Silveira Martins que, em frases repassadas de grande entusiasmo, profligou o ato do rei Afonso XIII. Ao terminar a sua pequena oração foi abraçado pelo mestre criminalista Dr. Mário Viana, que usou também da palavra. S. Exclia. juntou o seu protesto ao de seus jovens alunos e enaltecendo o protesto universal, fez votos para que a mocidade de sua terra, tendo sempre como ideal a justiça, olhasse para as questões da liberdade com o mais acurado carinho e delas tratasse com veneração.

A escola primária dirigida pelo prof. Matera e localizada no bairro de Vila Isabel enviou à comissão o seguinte protesto: Em nome da Escola Livre 1.º de Maio, juntamos o nosso protesto contra o desumano ato que acaba de praticar o governo espanhol na pessoa do prof. Ferrer. — Alunos: Augusto Bernardo Rodrigues, Pascoal Salvador, Luiz Cardoso e professor Pedro Batista Matera.

(1) Mariano Garcia, operário cigarrreiro socialista reformista desde a sua juventude é um dos fundadores do Partido Operário em 1895. Fundador de vários jornais operários, o 1.º em 1899. Constante lutador pela organização operária naturalmente dentro da orientação por ele preconizada. Do seu grupo faziam parte, além de outros, João Pereira Casilhas, antigo socialista, de cuja profissão não nos lembramos e Melchior Pereira Cardoso cigarrreiro, também militante socialista, havia uns 7 anos a essa altura.